

ARTIGO

“Ao sair do armário encontrei a velhice”: a homossexualidade masculina e a experiência de envelhecer

Murilo Peixoto da Mota*

Resumo: Este artigo analisa as dimensões sociais e sexuais relacionadas ao envelhecimento de homens homossexuais com mais de sessenta anos, de camadas médias e moradores na cidade do Rio de Janeiro. Busca-se alinhar, a partir das narrativas dos entrevistados, as reflexões relativas às rupturas, construções e desconstruções que marcam as representações simbólicas entre juventude, velhice e o estilo de vida *gay*. Está em questão a análise sobre a representação simbólica do corpo envelhecido e as maneiras de se ver e de se perceber no espaço social.

Palavras-chave: homossexualidade; envelhecimento; corpo; masculinidade.

Abstract: This article analyzes the social and sexual dimensions related to the aging of gay men older than sixty years old, from medium class inhabitants of Rio de Janeiro. The aim is to plot, from the interviewees' narratives, the reflections related to the disruptions, constructions and deconstructions which mark the symbolic representations among youth, old age and *gay* lifestyle. It is about the analysis on the symbolic representation of the aged body and the new ways of seeing and noticing oneself in the social space.

Keywords: homosexuality; aging; body; masculinity.

Introdução

A projeção de que a sociedade brasileira possa conviver com cerca de trinta milhões de indivíduos com mais de 60 anos, podendo vir a representar amplas questões na pauta das políticas públicas, é uma realidade deste século. Os dados recentes apontam para um processo avançado de transição demográfica no Brasil e tal questão se articula com o crescimento expressivo da população com 65 anos, ou mais, em relação ao crescimento da população jovem (de 0 a 14 anos de idade). O que se evidencia é uma transição na estrutura etária da população brasileira, que, segundo os especialistas¹, já vem ocorrendo desde os anos de 1980, com a aceleração do declínio das taxas de fecundidade, por um lado, e de mortalidade, por outro.

A pergunta que se faz neste contexto é: quem são estes indivíduos? Como vivem, se relacionam e o que pensam sobre seus projetos de vida? Quais as suas particularidades sociais e sexuais? Levando-se em conta tais indagações esse artigo faz referência a uma pesquisa² realizada entre os anos de 2010 e 2011 com quinze homens homossexuais de camadas médias cariocas. A partir de entrevistas qualitativas são analisadas as trajetórias da vida destes indivíduos, com foco nas dimensões do corpo, no contexto dos seus estilos de vida. A partir desse estudo, observou-se que a dimensão da identidade *gay* e a experiência de envelhecer trazem sérias questões a serem discutidas. Se, por um lado, tem a dimensão da particularidade analítica de olhar para a vida de indivíduos marcados por uma trajetória social e sexual delimitada pela homossexualidade, por outro, expõe todo um contexto reflexivo sobre o envelhecimento e masculinidade, que tem exigido intervenções no âmbito das políticas públicas.

Muitas idas e vindas foram dadas para conhecer as sociabilidades, afetividades, medos, angústias e o enfrentamento das mazelas distintivas da ideia de velhice e de homossexualidade solidificada e construída por esta sociedade que segrega e despreza todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, ousaram ser o que são. Os

homens pesquisados lutaram para “sair do armário”, para assumir serem *gays* e, na atual trajetória de vida, se percebem como velhos. Assim, o título deste artigo vale-se da frase de um dos entrevistados ao afirmar que “ao sair do armário entrou na velhice”. Mas apesar de sua geração não acentuar esta metáfora do “armário” como questão social no âmbito da visibilidade identitária, aspecto recente na luta por direitos, a ideia de armário abre para amplas relações de pronunciamento e afirmação sociossexual. O que o entrevistado acentua em sua fala é a necessidade de luta contínua do sujeito para a afirmação social de sua identidade *gay*.

Tomando por base a referida pesquisa, procura-se focalizar nas linhas que seguem a dimensão em que os entrevistados falam sobre o seu corpo e sua sexualidade. O ponto a ser aqui destacado consiste no olhar que o sujeito dirige a si mesmo, no âmbito da experiência identitária *gay* e o processo de envelhecimento. Sobre este tema muito pouco se elucidou nas ciências sociais, talvez por envolver um outro, o “outro” velho, homem e desviante nas mediações do que se espera de sua masculinidade que, por ser *gay*, traiu os papéis de seu gênero sob o crivo da norma heterossexual. Mas há muito que considerar sobre os sujeitos desta pesquisa, pois não se percebem como velhos. Nesta perspectiva simbólica sobre a velhice, como nos conta Simone de Beauvoir (1990), o velho é o outro que não sou eu e, no caso do *gay* idoso abordado, novas questões se acentuam sobre a velhice e serão apresentadas neste artigo.

Busca-se alinhar, a partir da pesquisa realizada, algumas reflexões relativas às rupturas, construções e desconstruções que marcam as representações simbólicas entre juventude e velhice e o estilo de vida *gay*, focando a dimensão sobre o corpo. A contextualização do corpo remete ao processo civilizador que, segundo Norbert Elias (1993), espelha a sociedade na maneira como os indivíduos entendem a si mesmos, revela sua autoimagem e identidade social. Assim, considera-se que o corpo compõe poderes que definem ganhos em

certos campos, representa um bem simbólico distintivo e imprime estilos de vida característicos de um agente. Neste sentido, o corpo do indivíduo se comunica com a sociedade, com o meio ao seu redor, e expressa o quanto a sociabilidade inclui relações que envolvem, além de critérios de etnicidade, classe e ideologia política, a *performance* corporal (Goldenberg, 2010).

Esta reflexão sobre o corpo está sendo analisada a partir da ótica de Pierre Bourdieu (2008), que o percebe como resultado de um *habitus*, ou seja, um processo de interiorização social que dá acesso ao mundo e que emerge através da linguagem e da interação do indivíduo no espaço social. No corpo se inscrevem as marcas da vida e, quando ele envelhece, expõe aquilo que será compreendido como mazelas representadas pela idade avançada. Mas não apenas as modificações corporais são indícios do envelhecimento. Não se trata de um acontecimento meramente mecânico, pois cada indivíduo carrega consigo a imagem da sociedade em que vive. Evidencia-se que, para todo indivíduo, o envelhecimento é processo em curso e nele se evidenciam as marcas das distinções e toda uma lógica de poderes, os quais acionam hierarquias em que se inscrevem simbolicamente as ideias de juventude e velhice.

O corpo informa todo um conjunto de costumes, tradições, crenças, ou seja, a cultura e sua variação histórica. É nele que se imprime a lógica do estigma, o objeto potencial de categorização, classificação e conteúdo, revelador daquilo que é valorizado, que se tem e que se é. Deste modo, o corpo gordo, flácido, deficiente ou velho representa, para cada sociedade em particular, aspectos que foram salientados pelos entrevistados em suas narrativas e que focalizam o sentimento de envelhecer.

Nas linhas que seguem serão abordadas, no primeiro momento, as questões trazidas pelos entrevistados sobre o próprio corpo, os olhares sobre si mesmo no contexto dos seus projetos de vida; posteriormente, será considerado o envelhecimento do corpo relacionando-o com a

construção do estilo de vida *gay* e tecidas algumas considerações finais.

O corpo e as imagens de si

A partir das narrativas dos entrevistados, observa-se que o mito da eterna juventude exerce influência sobre a percepção da velhice. Essa influência encontra-se mais presente na vida daqueles que valorizam o *status* legado ao corpo na sociedade, no qual o valor da boa forma física e a manutenção da aparência jovial estão atrelados tanto ao atrativo sexual, quanto aos excessos de bem-estar da saúde, emagrecimentos e tudo o mais que possibilite retardar o avanço do corpo no curso da vida, que evidencia a aparência velha como rugas, obesidade, cabelos brancos, dentes em queda.

A perspectiva de velhice é complexa e mutável por não se dar por inteiro, por chegar primeiro pelos olhos dos outros, mesmo para aqueles que investem na aparência com o intuito de não se distanciar do ideal de juventude (Motta, 2007). Assim, a imagem do “coroa”³ (um homem maduro de “boa aparência”) surge na fala de alguns entrevistados como um momento de passagem do corpo jovem para o amadurecido, que guarda seus atrativos, ao mesmo tempo que representa, no imaginário social, um tipo de indivíduo que, mesmo com aparência de mais velho, ainda é atraente e sensual. Está em questão um corpo que envelhece e, conseqüentemente, toda uma nova ordem existencial à qual alguns tentam resistir com plásticas, medicamentos e academias. Há evidente luta contra o modelo ideológico de velhice representado pela feiúra, demência, falta de projetos e fim da vida.

Neste sentido, a ideia de “coroa” imprime sentido simbólico, apresentando-se como uma categoria, ao mesmo tempo classificatória e qualitativa. A imagem projetada sobre a categoria “coroa” é a do distanciamento do que representa ser velho, cuja percepção o confina a uma identidade social carregada de estigma. Assim, o que representa “coroa” coloca o indivíduo em uma zona intermediária onde o sujeito se percebe e pode ser percebido como mais próximo

do universo jovem. Trata-se de uma tomada de posição subjetivamente estética que constitui, entre outras tantas, oportunidade de experimentar ou afirmar o poder que o indivíduo velho não tem. Ademais, ser “coroa” entra nesse jogo das recusas de se perceber envelhecendo, uma estratégia que visa impor o sujeito dentro de determinadas disposições fundamentais, ou seja, de estilo de vida mais ativo, dinâmico e produtivo (Simões, 2004; Alves, 2006).

Segundo Julio Simões (2004), o sentido dado ao “coroa” traz à tona o aspecto de uma juventude prolongada ao mesmo tempo em que se aceita a existência de vantagens trazidas pela maturidade. Explicita-se aí um permanente cuidado para manter os padrões de beleza corporal valorizados pela sociedade, com o objetivo de continuar sendo objeto de desejo e atenção. Segundo esse autor, ao associar envelhecimento e velhice, sexualidade e homossexualidade, as variações daquilo que representa ser uma “tia velha”, deprimida e solitária, em contraposição ao “coroa” bem-disposto, bem-humorado e bem-acompanhado são delineadas. Entre os entrevistados, Eduardo se destaca pela importância concedida à aparência física e à saúde, ressaltando:

Tenho muita preocupação com o corpo. Faço musculação três vezes por semana. Eu estou com uma médica agora, uma endocrinologista e tenho uma caixa de remédio anti envelhecimento. É hormônio e outros para secar gordura da barriga. Eu já fiz botox na testa. Sempre fui vaidoso e a idade tem influência. Mas quem gosta de coroa gosta de mim. Bom, mais ou menos, porque quem gosta de coroa gosta de barriga e eu não tenho [risos]. É claro que eu tenho amigos descuidadíssimos, que saem à rua sem fazer a barba, saem com roupa meio velha e até furada. Eu estou cansado de dizer: meu amigo, a gente já é velho, agora velho mal arrumado parece mendigo. Jovem mal arrumado é moda, mas velho não! [risos] Então, eu me cuido. Jamais eu sairia mal arrumado

na rua. O mundo é opressor com relação ao velho, a não ser o mundo oriental, que respeita o velho, mas eu não me comporto como velho. Eu já estou caminhando para ser um “coroa”, veja minha idade! Por isso eu faço academia, quero viver até virar pó! Eu mesmo não gosto de velho (Eduardo, 60 anos).

A estética corporal, seja pelo físico ou pela indumentária, tornou-se um capital simbólico em nossa sociedade. A aparência de juventude expressa *status* e implica em ganhos na hierarquia social. Não se trata apenas de ser jovem, ou seja, não basta ter pouca idade, é preciso parecer como tal, estar imerso numa aura de jovialidade, frescor, alegria e dentro da moda. Assim, o avançar do curso da vida aciona a preocupação com a aparência e esta passa a ser manipulada como uma maneira de não evidenciar o que representa envelhecer, concebida nesta sociedade com alta carga negativa. A tentativa é manter-se com uma aparência que possibilite ganhos sociais e, para isso, é preciso não se distanciar do que representa simbolicamente a juventude e ser jovem. A perspectiva do corpo envelhecendo remete a uma arena que vai além das referências biológicas, como mencionado anteriormente. Trata-se de encarar as mudanças individuais consideradas pouco satisfatórias em nossa sociedade que considera a velhice como a demarcação imediata de algo a ser brevemente descartável.

A pesquisa realizada evidenciou o quanto o envelhecer torna-se um problema a ser mitigado por novos fármacos e por toda a sorte de *fitness* que venha driblar a aparência física e sua associação com o amadurecimento. A problemática da associação beleza/corpo/juventude revelou crises principalmente para aqueles cujo corpo é estruturante do capital simbólico valorizado no universo da sociabilidade. Assim, a noção mesma de identidade social passa a estar referida a um corpo que necessita ser constantemente reconfigurado para a manutenção de novas relações sociosexuais. Descrevendo seu corpo, Álvares relatou que:

Em relação ao corpo, eu gostaria apenas de ter menos barriga, acho incômodo ter muita barriga como eu tenho, mas para isso faço ginástica. A minha amiga que é minha *personal trainer* vem aqui de segunda a sexta, me faz massagem, então, eu me cuido, não só tomando remédio, mas fazendo exercício porque gosto de estar bem, mas gostaria de ter menos barriga, porque a gente bota uma roupa bonitinha e não fica bem. Eu não sinto necessidade de fazer plástica. Por exemplo, frequento essa boate, *La Cueva*, eu faço sucesso até hoje, tem rapazes que pedem a alguém conhecido para me apresentar. Para que mudar alguma coisa se estou agradando assim? (Álvares, 75 anos)

O poder do sistema simbólico, como um instrumento de legitimação da ordem vigente, é referendado pela enunciação de fazer crer e fazer ver, de confirmar a visão de mundo e a ação que se exerce no espaço social. Há que ser ressaltado o fato de muitos indivíduos, principalmente os de camadas médias, copiarem e se adaptarem a algum tipo físico de alguém que se encontra em evidência (Goldenberg, 2010). A difusão estética, neste sentido, se dá em um movimento de consagração do centro para a periferia, do mais destacado para o menos destacado.

A reflexão feita por Pierre Bourdieu (2008) ajuda a elucidar a fala de Raphael (abaixo), criticando os excessos e a total subjugação aos estilos da moda. Para esse autor, trata-se de uma tentativa de conseguir dar aos outros uma representação convincente do capital que afirma possuir a fim de tirar proveito de suas propriedades imaginárias.

Eu sinto um preconceito [com o velho] associado ao desconhecimento e há uma futilidade em relação ao consumo, relacionada ao corpo. E o que é isso? Se você não tiver isso ou aquilo “volta para o armário” [por não ser aceito]. Tem amigos meus, com a minha idade, que

acabaram de fazer tatuagem. Têm que ser internados, pelo amor de Deus! [risos] (Raphael, 68 anos).

As narrativas refletem os limites para a intervenção no corpo em busca da manutenção de certa aparência, digamos, de um “corpo na moda”, reconhecendo que a experiência da vida também transforma o corpo. Luis, por exemplo, afirmou que não se sentia velho, mas reconhece que

É o corpo que não aguenta. A minha cabeça não está velha e tenho ideias maravilhosas! Eu ponho uma meta na minha vida e faço. É o meu temperamento e estilo de vida. Mas tenho amigos meus que têm muito medo da velhice. Mas tenho um amigo, ele é uma pessoa velha, a cabeça dele que está velha, em tudo ele é negativo, aí fica jogando carta com aquelas pessoas mal arrumadas, que não têm alegria pra vida. Outro amigo com cento e cinquenta quilos, uma pessoa que passou a juventude dele frustrada, ele nunca fez o que quis na vida, sempre viveu de mentira como está vivendo até hoje, então, essas coisas te levam à velhice *gay* entendeu? Aí você entra na casa dele, o apartamento não dá pra sentar porque está tudo um lixo! E tem pessoas maravilhosas, que se gostam, se amam e têm uma cabeça positiva, a cabeça não ficou velha, mas e o corpo? (Luis, 68 anos).

Ter um “corpo que não aguenta mais” se apresenta como uma questão para os entrevistados. Isso porque o corpo e a mente, segundo afirmam, não seguem necessariamente um caminho paralelo, cada um procura dar uma resposta que melhor se adeque ao seu estilo de vida, mas apostando na separação entre esses dois campos. Essa sobreposição está associada ao resgate da criatividade, da experiência e da noção de que a trajetória de vida também oferta certo capital e o aproxima do que representa o vigor da juventude, consequentemente, com

melhor aceitação social. Ao expressar a separação entre corpo e mente, os entrevistados buscam algo positivo para a velhice, procurando valorizar seus projetos e conhecimentos adquiridos.

A afirmativa “velhice é um estado de espírito”, também, corrobora com a dificuldade em aceitar o ser humano no seu todo, que envelhece sem dualidades e divisórias ou compartimentos, ou seja, diante do corpo com aparência velha tem-se a mente nutrida pela experiência, vitalidade e jovialidade (Blessmann, 2004). E segundo nos relata Ricardo, o envelhecer é um processo que vai sendo sentido a partir de certas faltas calcadas pela fragilidade do corpo.

Tenho muita preocupação com o corpo. E eu faço *pilates* justamente pra me manter em forma, porque as pessoas veem o físico, o corpo. Agora eu me acho bonito e que não fui muito diferente das pessoas que estão ao meu redor. A gente vai envelhecendo e vai sentindo falta de uma série de coisas como beleza, agilidade, falta uma série de coisas que são próprias da juventude (Ricardo, 60).

O corpo se apresenta como um território de alteridade que ressalta um conjunto de marcas impressas promovidas pelo outro que parece mediar sua satisfação e autoimagem. Deixar de sentir-se atraente significa a perda do poder que o corpo exerce, principalmente para aqueles que supervalorizam o desempenho sexual. Neste caso, a homosociabilidade se expressa quase que exclusivamente pela via da erotização das relações, o que exige performance corporal para se sentir atraente em determinado circuito *gay*. Francisco, por exemplo, relatou que tem preocupação com o corpo, mas que é muito preguiçoso e assinala:

acho que se eu fosse numa academia me sentiria melhor. Eu acho que o físico para o *gay* é muito importante. Mais ou menos há dez anos atrás deixei de me sentir atraente. Já me sentia um homem

maduro. Mas nunca tive dificuldades em ter contato com pessoas para transar, eu sempre dei sorte. Então, eu não era uma pessoa feia e isso me fez não me preocupar com isso (...). Já pensei em fazer plástica na barriga e no rosto. Eu até fico surpreso, pois uso muito creme, até as pessoas que não me veem há três anos dizem: o que foi que você fez? Fez plástica? O que vocês fazem pra ficar tão jovem?. E eu fico feliz, porque isso satisfaz o meu ego. Continuo usando os meus cremes, mas acho que se eu perdesse a barriga ia ficar o máximo (...). Não sou feliz com a idade, pois queria ser bem mais jovem. Eu acho que isso é comum entre os *gays*, pois sofrem com o amadurecimento. De uma certa forma me sinto deprimido por ter um corpo mais velho, queria que olhassem para mim como se fosse um jovem (Francisco, 72 anos).

Alguns atores acentuam que a sociabilidade e as relações *gays* valorizam o corpo e está nele todo o potencial de atratividade para se ter novos parceiros e, quando esse corpo não corresponde mais a essa expectativa, é como se nada mais restasse. Mas tal aspecto não é exclusivo do indivíduo *gay* velho pois, mesmo ao apresentar certas peculiaridades no âmbito do estigma, está envolto, como muitos indivíduos, nos valores e conflitos impostos pela “ditadura do corpo esbelto”.

O corpo envelhecendo no contexto da construção do estilo de vida *gay*

Evidencia-se, a partir das narrativas, toda uma violência simbólica ligada ao desempenho corporal, a autovigilância e a otimização da aparência física, como se tudo levasse ao cumprimento de modos de apresentar-se a si mesmo e aos demais. Esse modelo impõe que o indivíduo se exponha com independência, responsabilidade, confiabilidade, autoestima e felicidade, ou seja, com todo o aparato imperativo de sucesso em relação aos outros. Estar

fora desse contexto é estar fadado à reprovação ou a sentir-se “deprimido por ter um corpo mais velho e querer que me olhassem como se fosse um jovem” (Francisco, 72 anos).

Segundo Norbert Elias (1993), o corpo acompanha o processo civilizador e, portanto, deve possuir boa aparência segundo os valores de mercado de sua época; trata-se de manter sua trajetória visível no âmbito de uma concepção coletiva baseada na autodisciplina e na interiorização das normas vigentes a fim de ser aceito. Neste contexto, as representações modernas do corpo estão associadas à máquina, ao caráter utilitário, funcional, dócil, manipulado e hábil para o trabalho. Mas o contexto da maturidade implica analisar a compreensão de que o corpo representa uma importante questão de consciência e adaptação em prol do bem-estar. Márcio deixou claro que tem noção das mudanças ao longo da vida ao afirmar que:

Quando você tem cinco anos, você pensa uma coisa na vida, aos vinte você pensa de outro jeito, aos trinta, aos quarenta e assim vai. Então, as coisas vão mudando e a vida é muito sábia, porque se você olhar para o seu passado, você não faz as mesmas coisas que você fazia quando tinha dez anos, você queria jogar bola, correr que nem um maluco, porque você tinha uma energia no corpo fora do comum. Hoje em dia eu já não tenho aquela energia que eu tinha. E você vai mudando, a vida vai te levando por caminhos que você vai descobrindo novos prazeres na vida, novas coisas tão boas que quando você é jovem você vê outra coisa na vida e o que manda é a cabeça. Velhice é um estado de espírito! É tão bom hoje você ir num teatro, ver um bom musical, uma boa peça, sair para jantar. E tem coisa mais maravilhosa do que sentar e jantar num restaurante de rodízio japonês? (Márcio, 65 anos).

Cada indivíduo produz e reproduz a imagem corporal de si mesmo, cuja referência está

calcada no aspecto simbólico da estética jovem e sua relação com os significados da idade. Fernando, por exemplo, declarou gostar de seu corpo, mas que

Às vezes penso em fazer plástica para melhorar o visual estético, o medo é que a gente vê tantas barbaridades por aí que eu fico até meio receoso. Agora eu uso os medicamentos normais, comprimidos às vezes, dor de cabeça eu não tenho há muito tempo, mas uma gripe, alguma coisa que venha, colesterol, tenho que tomar meu comprimido para colesterol para cortar gordura, mas detesto remédios. Nunca pisei numa academia, meu exercício é caminhar, adoro andar. Claro que agora ando meio preguiçoso e não tenho feito aquilo que normalmente gosto de fazer, que é caminhar, não faço regime, como de tudo. (...) Tenho muitas preocupações com meu corpo, acho que todos nós devemos zelar pelo nosso corpo [risos], mas só que a idade não permite, a idade vai chegando, vai deixando você flácido, às vezes a barriga começa a despontar, mas eu não tenho mais esse tipo de vaidade não, eu acho que a gente tem que viver feliz da maneira que a natureza propõe (Fernando, 65 anos).

Gostar de si mesmo, conhecer os limites do corpo, se exercitar e ter uma boa alimentação são comportamentos constitutivos de uma aprendizagem e que influem como uma tomada de um estilo de vida no qual os entrevistados vão absorvendo e racionalizando sua experiência. O atual processo de envelhecer lhes oferta todo um sistema de ação e observação dos processos corporais, cuja consciência e atenção reflexiva levam o indivíduo à constante observância sobre si (Giddens, 2002).

Eu faço academia três vezes por semana. Preferiria que meu corpo fosse melhor, por exemplo, eu me acho um pouco barrigudo, mas não deixo de tomar a minha

cerveja. O meu médico não me proibiu, porque é um prazer que eu tenho. Claro que não bebo até cair, mas bebo uma ou duas latinhas todos os dias. Não tem nada que me impossibilite não. Acho que hoje, com a idade, sou mais acomodado. Gosto de ficar em casa vendo televisão, gosto de teatro. Tenho uma alimentação regrada na medida do possível, de vez em quando eu piso na jaca, mas como muito legume, como muita salada, diariamente. Então, tem uma coisa assim: gosto muito de me bronzear e tem uma moça lá na academia, que é nutricionista, que me perguntou “como você tem uma cor tão bonita?” Como diariamente cenoura crua e ralada, brócolis, tomate, uvas passas pretas (Roberto, 78 anos).

Os sujeitos pesquisados expressam os valores incorporados em suas trajetórias que dão sentido às suas disposições de camadas médias, estão situados em um segmento que lhes possibilita gozar de mais oportunidades, que inclui, também, o capital econômico para o que se projeta em termos do viver com qualidade de vida na velhice. José, por exemplo, relatou que fez ginástica por dois anos seguidos para manter o corpo,

(...) mas parei por outras circunstâncias, minha mãe não andou bem, foi operada, e parei com tudo, mas pretendo voltar agora por questão de saúde e não estética, entendeu? Até porque eu sempre fui magro, eu nunca engordei, tenho uma forma horrorosa, às vezes me olho no espelho e me acho medonho. Mas fiz uma pequena plástica tirei uma bolsa nos olhos. Eu acho que fisicamente estou envelhecendo bem, acho que estou dentro do meu padrão para os meus sessenta e três anos, não posso esperar mais do que isso (José, 63 anos).

Os aprendizados adquiridos com a experiência geram as possibilidades de se viver o tempo

presente de maneira mais realista, sem artificios, o que possibilita perceber e aceitar o corpo mais adaptado às circunstâncias. As formas do corpo no envelhecimento podem ser algo insigificante para alguns sujeitos que aprenderam a não valorizar o que se impõe como estética, mas a forma “natural” corporal adquirida ao longo da trajetória. Neste sentido, alguns atores não se submetem ao que se expressa como adaptação corporal para a obtenção de qualidade de vida. Para estes, o importante é ter a alegria de comer o que quiser e gozar da felicidade a partir do que o paladar oferta. O estilo de vida desse indivíduo, que abomina a academia de ginástica, expõe outros valores ligados à experiência de vida e a um novo sentido da ideia de ser jovial. Isso implica reconhecer que o estilo de vida caracterizado como sedentário é uma possibilidade. Para estes, a felicidade é percebida somente como expressão da total ausência de sofrimento e desprazer vivido em uma academia e amplamente ofertado por muitas guloseimas, massa e batata frita. Mas isso não significa a inexistência de tensão social e crise existencial.

Eu sou sedentário, não gosto de malhar, não gosto de andar. Minha doutora sempre diz: ‘você tem que andar!’ Eu ando todo dia, eu vou ao jornaleiro, à padaria, mas esse negócio de malhar para emagrecer, não! [risos] Sou preguiçoso para essas coisas. Agora eu nunca tive essa pança aqui não, sempre fui magrinho. É de natureza que eu era magro, mas com a idade você vai engordando mesmo. Eu me vejo lindo e maravilhoso, eu me amo. Se eu não me amar quem é que vai me amar? Mas controlo a alimentação? Como muito doce, massa, batata frita, coca-cola [risos]. Uma coisa eu gostaria de saber: Por que as coisas gostosas são proibidas? Doce faz mal, mas não tem coisa mais gostosa do que doce (Manoel, 65 anos).

Os entrevistados explicitam novas questões ao enfrentar a norma heterossexista que lhes

impõe o não reconhecimento de sua identidade. No âmbito de suas trajetórias construídas longe da família de origem, e tendo por base sua autonomia e individualismo, o resultado disso, hoje, são preocupações voltadas para a necessidade de cuidados, como ressalta José:

Não acho difícil envelhecer, nem me incomodo com a minha aparência e a minha idade, eu jamais escondi a minha idade. Quando conheço uma pessoa mais jovem e rola o papo de idade eu falo logo a verdade, o que me incomoda em envelhecer é aquele meu medo que eu te falei, de ter problema de saúde por conta da minha pressão [hipertensão], entendeu? Meu pai foi uma pessoa que morreu muito cedo, meu avô morreu com quarenta anos, tudo com os mesmos problemas que eu tenho, é evidente que hoje está muito mais avançado com a medicina, mas tenho certo receio da morte, justamente disso, me acontecer alguma coisa, de ficar só, sem ajuda, um *gay* velho já viu né? (José, 63 anos).

Para estes sujeitos, o corpo restringe as possibilidades. De um lado, incorpora os valores relacionados às limitações no processo de saúde e doença e, de outro, instala uma das maneiras de se ver e se perceber no espaço social no qual se perde atratividade; aspecto valorizado no âmbito de sua sociabilidade no curso da vida. Mas a tentativa de não se distanciar do ideal de juventude leva alguns atores a se submeterem à ginástica, ao uso de medicamentos hormonais, cremes e, eventualmente, a plástica. Contudo, estão atentos aos exageros e efeitos colaterais. O significado ideológico do poder de consumo, da procura por atratividade sexual e do enfrentamento da representação da idade implicam em adaptações possíveis de cada estilo de vida. Tal aspecto, segundo Luis, não é uma característica exclusiva do *gay*:

Mas não é uma questão do homossexual [desejar ser sempre jovem], porque o

meu ex-cunhado mudaria a idade dele, que é 66, para 20, e depois ter mais três casamentos [risos], e isso não tem nada de homossexualidade. Mas a juventude é uma coisa lindíssima, mas eu estou satisfeito com a minha vida assim. Por que você quer ser jovem? O que adianta você querer fazer as coisas e o corpo não te acompanhar, não corresponder? Mas eu me esforço muito e tem muita gente mais nova que não consegue fazer o que faço (Luis, 68 anos).

Importa ver, a partir das narrativas, que esse corpo velho não se restringiu ao estereótipo relacionado à fraqueza, à doença e à degeneração frente ao tempo. Esse aspecto corrobora com a necessidade de se realizar novas reflexões sobre a velhice masculina que estejam além daquela comumente associada à doença, invalidez ou capacidade de trabalho funcional. Entretanto, se, por um lado, os ideais de estética são assumidos a partir do paradigma do bem-estar físico e da beleza a altos custos, por outro, incorporaram novas possibilidades de aceitação da diferença e percepção de estilo de vida no âmbito da velhice.

A dramaticidade a respeito do corpo que perde a atratividade no jogo da conquista de novos parceiros, para os indivíduos que mantêm sua sociabilidade direcionada para a busca por experiência sexual, explicita crises existenciais. Alguns dos entrevistados percebem-se sendo rejeitados e associam tal aspecto ao fato de serem *gays* e velhos. A falta de prestígio em detrimento dos valores da estética jovem e do prazer erótico como definidores de identidade social resulta no retorno ao recinto do lar, ao mundo privado, como se voltassem para o “armário”. Mesmo que tais questões não sejam uma particularidade do *gay* na velhice, nele se acentua, pois contra o sofrimento que pode advir da rejeição no espaço coletivo, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário. Há indícios de que se mantêm distantes das outras pessoas e buscam pela felicidade na quietude. O que informam é que uma das maneiras de atuarem

contra esse mundo externo que tanto segrega, é afastar-se dele.

As mudanças que transformaram o curso da vida parecem não oferecer às atuais gerações reflexão política acerca da aceitação da velhice no âmbito da homosociabilidade. Para os entrevistados, há crises na gestão da experiência de envelhecer, pois o corpo não possibilita mais ser acionado como capital no mercado das interações sociossexuais *gays* implicando, assim, numa carência afetiva, como nos relatos de Luis e Márcio:

O homossexual com idade avançada tem mais carência afetiva do que o heterossexual, muito mais carência afetiva. Se ele não souber lidar com isso, entra numa depressão total, como você encontra um monte de gente alcoólatra, mentirosa, pessoas que inventam coisas que não são a realidade da vida. Isso jamais eu vou querer pra mim, nem que aconteça com os meus amigos, mas eu vejo que acontece (Luis, 68 anos).

Eu acho que a vida é muito ingrata com o ser humano, porque você não consegue chegar à sua terceira geração, é muito difícil, você não consegue. O ser humano devia viver mais e viver bem, porque viver doente não vale à pena e, para o *gay*, ser doente é pior (Márcio, 65 anos).

As narrativas explicitam, também, o quanto o movimento de aceitação de si esteve permeado por medo e vergonha, pois, quando não se sentem mais atraentes pelo crivo da idade, há um deslocamento de estilo para adequar-se melhor às exigências decorrentes da aparência madura.

Algumas considerações finais

Os entrevistados foram fortemente socializados a partir de mecanismos que naturalizam a sexualidade tornando-a um princípio biológico, e a heterossexualidade o único modo aceito

para as relações sexuais humanas. Isso expressa o quanto o discurso e as práticas sociais refletem o poder da representação do que é ser homem, o que, para os homossexuais, espelha crises por ter que enfrentar a norma heterossexual como um princípio. Esse contexto da construção do gênero masculino, que se generalizou nos afetos e nas percepções individuais, influenciou seus estilos de vida. Como homens, o enfrentamento e a transgressão a esta lógica heterossexista levou-os a apostar na autonomia, nas práticas sexuais fugazes, na individualidade e a manterem suas experiências afetivas de modo clandestino, longe do recinto familiar.

A intimidade sexual na velhice evidencia novos roteiros, mas não se “pendura as chuteiras”, como afirma um dos entrevistados, a despeito das limitações que o envelhecimento físico impõe ao exercício sexual. Raphael (68 anos) chega a indagar: “em que hora começa a morte de um homem? Quando ele começa a ter falhas nas ereções, porque a identidade dele é essa”. Apreende-se deste reducionismo o quanto o envelhecimento remete a novas situações corporais nas quais os entrevistados tanto apostam a fim de manterem seus desejos e práticas homossexuais. De todo modo, a busca por afeto e a valorização da amizade entram neste jogo com maior evidência e, mesmo diante da fragilidade da saúde e da exigência de novas performances corporais, o que eles informam é que a sexualidade ainda se manifesta e revela reinvenções relacionais.

Para estes homens, a velhice não trouxe a desistência de projetos e parece guardar para si o tempo perdido por não terem se assumido como *gays* há mais tempo e gozar da possibilidade de amar outro homem sem ter que se esconder. Alguns entrevistados ressentem-se justamente dessa falta de suporte comunitário e político para vivenciar sua sexualidade em outros domínios além do privado. José (63 anos) é taxativo ao afirmar que, se pudesse voltar no tempo, botaria a boca no megafone, ia assumir-se, viver os desejos mais abertamente, reforçando a percepção de que o segredo e a invisibilidade da experiência homossexual impõe

maneiras de expressar a opressão sentida no espaço público vividas por esta geração que, hoje, percebe-se mais aberta às possibilidades de aceitação do estilo de vida *gay*. Mas o que traz de tão importante essa necessidade de revelar-se, essa recusa em resistir ao confinamento sexual, esse *sufocamento* pela ocultação quase permanente do desejo homossexual por parte dos entrevistados? De fato, esta geração complexificou esse paradigma do “sair do armário”. Mas que “armário”? Para estes indivíduos nem havia esse sentido de “sair do armário” como metáfora para se esconder a homossexualidade, pois, como lembra Marco (69 anos), “naquela época não se usava isso de se assumir, mas eu não sou tão ingênuo de imaginar que as pessoas não soubessem”. Neste contexto, também afirma Raphael (68 anos): “nunca entrei no armário, nunca saí do armário, não converso sobre isso, essa é a primeira vez”.

Estes indivíduos se defrontam com a falta desta autonomia, acarretada pelo corpo que envelhece. Mas, segundo suas narrativas, a velhice não lhes ofertou nenhum alibi para se tornarem vítimas complacentes desse corpo mais frágil. Diante da doença, tomam medidas, não recusam as exigências prescindíveis para o enfrentamento de certa enfermidade e manutenção da boa aparência e qualidade de viver. Todavia, no rol de suas dificuldades, são práticos ao explicitarem suas fantasias sexuais e acionarem os serviços de garotos de programa, com quem mantêm relações esporádicas para os momentos de prazer sem os compromissos de ter que assumir a regularidade sexual, como indivíduos casados. E, assim, vão mantendo a autonomia como podem; situação que tanto prezaram ao longo de suas trajetórias.

Estes homens não se percebem velhos, não aceitam a velhice como se fosse um fim dos projetos de vida e, neste sentido, para muitos, a alusão à idade é um insulto por identificá-los como idosos, pois “uma vez que em nós é o outro que é velho, que a revelação de nossa idade venha dos outros, não consentimos nisso com boa vontade” (Beauvoir, 1990, p. 353). Portanto, não se trata de uma questão explícita do *gay*

que envelhece. Mas o que é próprio do *gay* que envelhece? Novas dominações são sentidas e expressadas pela linguagem que reabre para segregações equacionadas no espaço social pela idade madura. Esse outro de que fala Beauvoir também confere o sentido de decadência e desengajamento social em razão da condição *gay*.

O olhar dos sujeitos desta pesquisa sobre o espaço social revela as contradições para gozarem das lições aprendidas ao longo da vida. O envelhecimento, para esses homens, explicita o quanto são violentas as segregações distintas representadas pelo crivo da idade e pela norma heterocêntrica das relações sociais, que inviabilizam o reconhecimento social da diferença.

Referências bibliográficas

- ALVES, A. M. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: BARROS, M. L. (org.). *Família e geração*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- BEAUVOIR, S.. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 v.
- _____. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GOLDENBERG, M. *O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- MOTTA, A. B. Chegando pra idade. In: BARROS, M. L. (org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.
- SIMÕES, J. A. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PSICITELLI, A. et al. (org.).

Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ZEITOUNE, C. M.. *A clínica psicanalítica do ato infracional - os impasses da sexuação na adolescência.* Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

Notas

¹ O IBGE divulga a metodologia das estimativas anuais e mensais da população do Brasil e das unidades da federação: 1980-2030. In: *IBGE: população brasileira envelhece em ritmo acelerado.* Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&id-noticia=1272>. Acesso: 11 jul. 2012.

² Pesquisa realizada pra a obtenção do título de doutor em Serviço Social. Tese intitulada *Homossexualidades masculinas e a experiência de envelhecer*, defendida em outubro de 2011, no Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ.

³ No dicionário Michaelis foram encontrados 41 verbetes para o significado de “coroa”, dentre eles a referência de que se trata de uma pessoa que já ultrapassou a mocidade.

Murilo Peixoto da Mota

* Sociólogo da UFRJ, doutor em Serviço Social, membro do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas Suely Souza de Almeida/UFRJ.